

# DISCURSOS SOBRE O ESTRANGEIRISMO EM GRAMÁTICAS: POLÍTICAS DE FECHAMENTO<sup>1</sup>

Marina Célia MENDONÇA (UNICAMP)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise dos discursos sobre o estrangeirismo em gramáticas normativas e históricas, enfocando as *políticas de fechamento* da heterogeneidade discursiva presentes neles. A função básica das políticas analisadas é a construção simbólica da unidade lingüística e, conseqüentemente, nacional.

**Palavras-chave:** análise do discurso; heterogeneidade discursiva; estrangeirismo; preconceito lingüístico; gramáticas.

*Abstract: This article presents an analysis of the discourses about foreign words in prescriptive and historical grammar books, focusing on the closing policies of the heterogeneity of these discourses. The basic function of the analyzed policies is the symbolic construction of the linguistic unit and, consequently, the national unit.*

*Keyword: discourse analysis; discursive heterogeneity; foreign word; linguistic bias; grammar books.*

## 0. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar discursos sobre o estrangeirismo em uma gramática histórica e duas normativas, enfocando o funcionamento desses discursos.

O postulado básico dessa análise é a heterogeneidade discursiva. Bakhtin (1988) afirma que todo discurso carrega consigo outro, dialoga com ele e se constitui nesse diálogo, é uma arena (utilizando uma metáfora que remete diretamente aos estudos bakhtinianos) em que se encontram valores contraditórios. Assim,

---

<sup>1</sup> Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

<sup>2</sup> Doutoranda no programa de pós-graduação em lingüística na Universidade Estadual de Campinas (SP).

para o autor, o discurso é sempre marcado pela polifonia, pela heterogeneidade. Além disso, ele é sempre marcado ideologicamente. Em crítica ao que chama objetivismo abstrato crítica que se concentra na figura de Saussure -, Bakhtin argumenta que o linguístico é ideológico/histórico em todas as suas manifestações: para ele, não existe palavra sem valor ideológico. Nesse sentido, a língua está sempre afetada pelo que lhe é exterior, este sendo constitutivo dela.

Authier-Revuz (1990), a partir das reflexões de Bakhtin, classifica a heterogeneidade discursiva em constitutiva e mostrada, esta podendo ser marcada ou não marcada. Pode-se dizer que todo discurso é constitutivamente heterogêneo porque “(...) toda palavra, por se produzir em “meio” ao já-dito de outros discursos, é habitada por um discurso outro” (Authier-Revuz, 1998, p. 193). Já a heterogeneidade mostrada comporta recursos como ironia, paráfrase, paródia, glosas metaenunciativas, aspas/itálico/negrito, negação, entre outros. Em todos esses casos, tem-se o discurso atravessado por um outro, dialogando mais ou menos contraditoriamente com ele, desvelando-o ou ocultando-o, reforçando-o ou apagando-o, delimitando-lhe um espaço de atuação e existência.

É assim que entendo a heterogeneidade discursiva: um espaço de confrontos, de diálogo que se constitui em enfrentamentos mais ou menos evidentes. E se esse diálogo constitui o discurso, ele também constitui o sujeito. Geraldi (1996), considerando o dialogismo bakhtiniano e a noção de linguagem como atividade constitutiva, tomada de Franchi (1977), defende uma concepção de sujeito constitutivamente heterogêneo: o processo da tomada de consciência do sujeito se dá nas relações interativas do eu com um outro, através da relação do eu com a palavra do outro, na internalização dessa sua palavra, num processo ininterrupto e sempre inacabado de lançamento de contrapalavras. Estas representam um trabalho do sujeito sobre a palavra do outro, sobre o dado. Assim, recursos como paráfrase, comentário e aspas, por exemplo, representativos da heterogeneidade discursiva, representam uma contrapalavra, um trabalho do sujeito sobre outro discurso, ou discurso do outro. Trabalho que pode circunscrever o

outro ao espaço do não-dito, do proibido, do inimigo, do estrangeiro.

É importante lembrar aqui os mecanismos disciplinares postulados por Foucault (1996), “(...) que atuam na tentativa de fazer esquecer a heterogeneidade característica do sujeito e de sua linguagem. (...) o autor analisa mecanismos de controle, seleção, organização e redistribuição dos discursos e dos sujeitos, através dos quais ambos seriam “ordenados” de forma que seus perigos e poderes fossem conjurados.” (Mendonça, 2001). Para Foucault, esses mecanismos dividem-se em: *externos ao discurso*, *internos*, e *de rarefação (seleção) dos sujeitos*. Neste artigo, serão observados na análise de gramáticas alguns desses mecanismos: a *proibição* de dizer (com a constituição, por exemplo, de tabus lingüísticos, que é produzida externamente ao discurso) e o *comentário* (mecanismo interno de controle do discurso que, segundo o autor, entre outros efeitos, permite ao discurso que comenta dominar o comentado).

Nos discursos sobre o estrangeirismo analisados a seguir, mecanismos como *proibição* e *comentário* são constitutivos de seu funcionamento e colaboram para a produção do que chamo de *políticas de fechamento* - neste caso, uma tentativa de produção de *homogeneidade discursiva* frente ao perigo da perda de identidade em meio à heterogeneidade. O conceito já foi utilizado por mim para refletir sobre práticas escolares em atividades de leitura, produção de textos e ensino de língua materna (Mendonça, 2001).

## 1. A demarcação/separação do estrangeirismo com recursos gráficos

A seguir, foi transcrito um discurso em que ocorrem alguns mecanismos que podem ser vistos como *políticas de fechamento*.

### *Discurso 1*

“As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de apertuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como **bife, futebol, beque, abajur, xampu**, tão freqüentes em nosso

cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente *itálico*: *shopping center*, *show*, *stress*).

Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os *teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia)." (Cipro Neto, Infante, 1997:109,110)

Cumprir destacar do discurso acima a orientação para separar com aspas (ou *itálico*) as palavras/expressões em outra língua. Aspas/*itálicos* são uma manifestação daquilo que Authier-Revuz denomina heterogeneidade mostrada marcada (1990) e, no caso da separação da palavra estrangeira, uma heterogeneidade no espaço da representação da não-coincidência do discurso consigo mesmo (1998). Essa nãoocidência é concebida como constitutiva do discurso, já que, como foi dito, todo discurso é habitado/atravessado por outro discurso. Ao marcar a diferença, no caso, com sinais tipográficos, "(...) um discurso desenha nele mesmo o traçado - relacionado a uma "interdiscursividade representada" - de uma fronteira interior/exterior" (AuthierRevuz, 1998, p. 193). Nesse estabelecer fronteiras, o discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si.

O caso de demarcar uma fronteira entre discursos de línguas diferentes torna bastante claro o processo de constituição não só de uma identidade do sujeito psicanalítico, na concepção de Authier-Revuz (esse que, ao circunscrever o não-um, julga dominá-lo por mantê-lo visível e à distância; esse que, em seu imaginário, travando a negociação necessária com as forças de desagregação, constrói a imagem do UM pela denegação do

não-um), mas também de uma identidade do sujeitonacional. Neste caso, ela se produz também nesse processo de construção de unidade e conseqüente pureza lingüística (pelo uso das aspas que, ao manterem visível e à distância a palavra estrangeira, produzem a ilusão da dominação desse outro que introduz a aparente desestabilização da língua), processo de construção marcado pelo fato histórico de fronteiras geopolíticas, pelas ideologias que circulam no Estado-nação.

Maingueneau (1993:90) afirma: “Colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo.” Depreende-se que as aspas podem ser vistas como um tácito e taxativo colocar à distância, um mecanismo de exclusão que se supõe legítimo.

Parece bastante claro que essa orientação para utilização de aspas é purista, pois vê na forma diferente um perigo, uma ameaça. As aspas são uma manifestação da heterogeneidade discursiva que, neste caso, paradoxalmente, serve não só para explicitar a introdução de um discurso em outro, mas demarcá-lo para excluí-lo.

## 2. A domesticação do estrangeirismo pela língua importadora

Da mesma forma que, para os gramáticos do Discurso 1, deve-se demarcar a palavra estrangeira, torná-la visível, deve-se também domesticá-la, já que é considerada perigosa à unidade lingüística nacional. Observe-se sua orientação para a conformação do estrangeirismo ao sistema lingüístico da língua importadora.

Perceba-se também que o problema do estrangeirismo para esses gramáticos é quando ele não é “sentido” como língua nacional porque não passou pelo processo de domesticação de que estamos falando - “As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como **bife, futebol, beque, abajur, xampu**, tão freqüentes em nosso

cotidiano que já as sentimos como portuguesas”. O insuportável, no caso, é quando a palavra estrangeira mantém suas características fonológicas e gráficas e faz lembrar que é um outro se inserindo no discurso. Por isso, nesse caso, é preciso separá-la com as aspas.

O discurso sobre o estrangeirismo, como se vê, é um espaço em que se realiza com muita clareza a intolerância lingüística, é espaço de preconceitos não assumidos, de construção simbólica da unidade lingüística. A esse respeito, vale a pena lembrar reflexões de Bakhtin sobre a forma como os sujeitos “incorporam” a palavra do outro: o processo da passagem da “palavra do outro” para “palavra pessoal” e, depois, para palavra pessoal; segundo o autor, esquece-se, neste último estágio, da relação dialógica com a palavra do outro (Bakhtin, 2000: 405-406). Os gramáticos explicitam um processo de esquecimento que precisa ser pensado para a compreensão do sujeitonacional: esquecer-se de que “sua” língua veio de muitas outras, mantendo com elas uma relação estreita e indissociável. Esse esquecimento talvez seja condição para afirmá-la como sua, no sentido de ser uma língua nacional que dá unidade a um sujeito nacional. No caso, a consciência da monologização, da palavra pessoal, apaga o outroestrangeiro e permite a produção de uma “identidade nacional”.

### 3. Reação ao estrangeirismo que representa perigo à unidade lingüística nacional

Percebe-se, no Discurso 1, que a palavra estrangeira perigosa é aquela que significa dependência econômica e cultural, já que ela é uma das formas visíveis dessa dependência e, por extensão, dessa dominação. A reação contra ela, portanto, deve sempre ser pensada como reação a esse processo mais amplo. Essa relação entre língua e estrutura sócioeconômica está clara no fragmento de discurso a seguir, retirado do discurso 1: “São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural.” Na seqüência do texto, é o uso do inglês que é tomado como referência para a crítica à subserviência cultural.

Já Coutinho, em Pontos de gramática histórica, cuja primeira edição é de 1938, faz uma lista extensa dos empréstimos

lingüísticos sem apresentar juízo de valor sobre seu uso, com exceção do uso de galicismos, a respeito do qual diz o seguinte:

## *Discurso 2*

“Apesar do combate que lhes deram incansáveis vernaculistas, como Fr. Francisco de S. Luís, Filinto Elísio, Silva Túlio, Castilho e outros, as palavras e expressões francesas vão tomando de assalto o nosso vocabulário, dêle desterrando vozes e expressões castiças. Isto se justifica pela posição saliente que ocupa a França na moderna civilização. Os escritores brasileiros contemporâneos, antes de se aperceberem do necessário cabedal de conhecimento do idioma pátrio, põem-se a ler as obras dos escritores franceses, viciando o estilo.(...)”

É galicismo léxico o emprêgo desnecessário de uma palavra francesa em português, ou o emprêgo de uma palavra portuguesa com a acepção particular que tem no francês. (...)

Estendemo-nos um pouco na enumeração das palavras francesas para acautelarmos contra o seu emprêgo os menos experientes. Usá-las, quando delas não haja necessidade, ou mesmo neste caso, sem as acomodar ao gênio da língua, constitui vício de linguagem.” (Coutinho, 1973:195,196 - itálico adicionado)

Citar uma lista extensa daquilo a que se denomina empréstimo lingüístico, em contraposição ao mecanismo da citação adicionada do *comentário* e da *denominação de galicismo léxico e vício de linguagem*, produz, por um lado, o “esquecimento” do empréstimo lingüístico, pois é tomado como natural, e por outro, o destaque do galicismo; destaque feito para dominar o discurso a partir do *comentário* (neste caso, porque não se deixa a lista dizer por si, mas procura-se “interpretá-la”) e para excluir pela *proibição* (pela constituição de um tabu lingüístico) - os conceitos de *comentário* e *proibição*, como foi dito, foram tomados de Foucault (1996). Vê-se, nesses mecanismos articulados pelo gramático, uma forma de lidar com a heterogeneidade ao mesmo tempo produzindo o esquecimento, a dominação e a exclusão da língua estrangeira. Trabalho em um instrumento lingüístico que circunscreve num espaço mais restrito as relações do sujeito-nacional com esse outro.

No momento histórico em que foi produzido o Discurso 2, a construção da unidade lingüística passava pela desmoralização do emprego do francês, já que -parafraçando o autor - seu uso era corrente devido à posição saliente que ocupava a França na então moderna civilização. O desmerecimento do “outro” realiza-se ao mesmo tempo em que é feita a valorização do português, então elevado em sua “qualidade” de idioma pátrio que deve ser preservado em sua “pureza”. Vejam-se as passagens em itálico.

Uma comparação entre as duas gramáticas mostra inclusive que os gramáticos usam argumentos semelhantes para justificar a reação ao uso da palavra estrangeira, mas é a origem dessa palavra que muda. Antes, houve a construção simbólica do desmerecimento do francês; hoje, do inglês. Nos dois casos, essa construção tem uma função: tentar preservar a “unidade lingüística” nacional. Entretanto, em cada caso, a contrapalavra dos gramáticos, relativamente diferente, é motivada por fatos históricos distintos.

#### 4. O estrangeirismo como um vício de linguagem

No Discurso 2, veja-se que aquele uso do estrangeirismo que não se acomodou ao “gênio da língua” importadora e que é usado “sem necessidade” é que é considerado vício de linguagem. Também em Cipro Neto e Infante, essa não-adequação à estrutura do português e seu uso abusivo, como vimos, é que torna o uso da palavra estrangeira condenável. No caso, o uso da palavra estrangeira é um pecado - “A imprensa e a publicidade não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).”

Já é um discurso comum na lingüística que as gramáticas normativas apresentam preconceitos lingüísticos e haveria muitas formas de demonstrar a ocorrência desses preconceitos. A tradicional seção “Vícios de linguagem” é um prato cheio para essas análises. Veja-se o fragmento abaixo, representativo dessa atitude lingüística, em que o estrangeirismo, como é tradição nessas gramáticas, foi arrolado numa enumeração de vícios de linguagem:



“Estrangeirismo - uso de palavras ou construções próprias de línguas estrangeiras. (...)

Exemplo de anglicismo condenável:

“O desenvolvimento de nossa Marinha Mercante é um dos pontos fundamentais para o boom da exportação.” (JB, 7/11/73)” (Cegalla, 1989:530)

A taxaço de vício de linguagem constitui um processo explícito de exclusão da palavra estrangeira do rol de palavras “pronunciáveis”. Constitui aquilo que Foucault (1996) denominou, como vimos, proibição, um mecanismo de controle do discurso. Veja-se que essa é uma política de fechamento que se distingue das aspas; estas, um processo de exclusão, mesmo que marcado, silencioso: um fazer sem dizer.

## 5. Conclusão

Neste artigo, foram analisadas políticas de fechamento em gramáticas, enfocando o discurso sobre o estrangeirismo. Percebe-se que as reações à palavra estrangeira têm uma função comum: construir simbolicamente a unidade lingüística, condição posta para a unidade nacional.

Essa reação à palavra estrangeira que parece ameaçar a integridade nacional é uma questão relevante para os estudos sobre o discurso, pois não só mostra uma inclinação para a homogeneidade quando face à heterogeneidade - é, portanto, uma política de fechamento - mas também permite refletir sobre a construção de identidade do sujeito. Um sujeito que precisa esquecer-se do outro para constituir-se como tal, mas que paradoxalmente só é porque *está* como o outro - Que é uma língua senão a mistura de tantas línguas? Mas que é uma língua senão a diferença de outras línguas?

Esse “ser um falante de uma língua” é um fato que, sem dúvida, ultrapassa os aspectos formais e toca nos

político-ideológicos - isso também lembrou Rajagopalan (1998), a respeito do hindi e do urdu, que são línguas oficialmente diferentes, apesar de que o fator que as distinga não seja lingüístico, mas religioso e geopolítico.

Assim, a reação aos estrangeirismos não é uma reação (somente) à palavra estrangeira - não é aspecto lingüístico-formal que está em jogo - nem uma reação a qualquer palavra estrangeira. Isso ajuda a entender o porquê das restrições ao uso de palavras estrangeiras, especialmente as que ameaçam a suposta integridade da língua e do sujeito-nacional. Há, nos discursos sobre o estrangeirismo, uma ilusão de pureza do *falar* e do *ser* que constituem o sujeito-nacional. Constituição que a história revela relativamente ordenada, em que os gramáticos, em meio ao já-dito, lançam suas contrapalavras. Desestabilização em meio ao estável - como não poderia deixar de ser - constituindo nossa história.

Antes de terminar, atente-se para mais um “detalhe”: a história das palavras também é reveladora da exclusão do estrangeiro. A etimologia de *bárbaro* e *híbrido* é esclarecedora dessa conotação negativa que é dada ao outro que pertence a outra nação e fala outra língua, outro que deve ser afastado, portanto. Deixo a citação falar por si:

**“bárbaro.** [Do gr. bárbaros, pelo lat. barbaru.] Adj. 1. Entre os gregos e romanos, dizia-se daquele que era estrangeiro. 2. Sem civilização; selvagem, grosseiro, rude, inculto. 3. Cruel, desumano, sangüinário.(...)

**híbrido.** [Do gr. hybris, ‘ultraje’, pelo latim hybrida; a miscigenação, segundo os gregos, violava as leis naturais.] (...) 3. Gram. Diz-se de vocábulo composto de elementos de línguas diversas, como, p. ex., monóculo, em que o primeiro elemento vem do grego e o segundo procede do latim”. (...) (Ferreira, 1986: 232/892)

## Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 19. Campinas: IEL, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. de Claudia R. C. Pfeiffer [et al.]. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Hermantina Galvão. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 32.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- CIPRO NETO, Pasquale, INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.
- FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda Ferreira. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem - atividade constitutiva. *Almanaque*, São Paulo, Brasiliense, v. 5, p. 9-16, 1977.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. 2.ed. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.
- MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Arma Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora pra uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. (org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.